

APRESENTAÇÃO

O problema dos limites do dizível e do indizível acompanha a história do pensamento filosófico desde suas origens. Da advertência platônica sobre a impossibilidade de expressar plenamente o Bem à sentença wittgensteiniana de que “sobre o que não se pode falar, deve-se calar”, o pensamento ocidental sempre se deparou com o paradoxo de querer dizer o indizível, de querer representar o que excede toda representação. Trata-se de uma tensão constitutiva do próprio ato de pensar e de falar: a linguagem, enquanto meio privilegiado de manifestação do sentido, carrega em si a marca de uma insuficiência que a remete constantemente ao seu outro – o silêncio, o mistério, o indeterminado.

O Colóquio Perspectivas sobre o Dizível e o Indizível, promovido pelo REPHIL – Grupo de Estudos de Filosofia da Religião da FAJE, entre os dias 26 e 27 de junho de 2025, teve por objetivo aprofundar essa problemática, reunindo pesquisadores de diferentes áreas e tradições filosóficas. A questão do indizível – seja sob a forma do mistério teológico, da experiência estética, do inconsciente, da contradição lógica ou da transcendência simbólica – foi abordada em diálogo com a fenomenologia, a filosofia da linguagem, a lógica, a psicanálise, a filosofia da religião, a literatura e o cinema.

A riqueza das intervenções revelou a vocação interdisciplinar e intercultural do colóquio, cujos ecos se prolongam nos artigos agora publicados.

CONFERÊNCIAS

O artigo de José Daniel López, *La manifestación de lo inefable. Sobre la posibilidad fenomenológica de la Revelación teológica*, abre a coletânea articulando a questão do indizível no horizonte da fenomenologia e da teologia. A partir do problema husserliano da fenomenalização de Deus na consciência e de sua retomada por autores como Marion e Scannone, López examina a possibilidade de uma revelação que se manifesta precisamente como o que excede o fenômeno, apontando para uma nova compreensão do sujeito e da razão na experiência do absoluto.

Pedro Antonio Reyes Linares, por sua vez, aproxima-se do indizível através da palavra “presente” pronunciada por mãos de desaparecidos. Sua análise fenomenológico-hermenêutica revela que essa palavra não é mera designação, mas acontecimento ético e político que rompe a normalidade, corporifica o luto e convoca a memória. Inspirado em Zubiri, Levinas, Cavarero, Butler, Derrida e Chrétien, o autor mostra como, no limite entre o decifrável e o inefável, a palavra encarna uma presença que resiste e denuncia – presença que, ao dizer o impossível, abre um espaço para o porvir e para a comunhão na diferença.

A questão da verdade diante do impossível é retomada por Guilherme Araújo Cardoso, que propõe uma “Lógica das Verdades Impossíveis”, inspirada em Austin e na teoria das situações de Barwise e Perry. Sua abordagem sugere que é possível falar verdadeiramente sobre o

irreal e o contraditório sem aderir ao dialetismo, que aceita contradições verdadeiras, nem ao inefabilismo, que as considera inexpressáveis. Seu trabalho representa uma ponte entre lógica, ontologia e filosofia da linguagem, reabrindo o debate sobre os limites do discurso racional.

No campo da filosofia prática, Luiz Sureki reflete sobre a passagem “da moralidade à religião” na filosofia de Kant. A esperança, longe de ser mera projeção subjetiva, é compreendida como dimensão constitutiva da razão prática, que aspira ao bem supremo como realização do dever. A promessa moral, nesse contexto, reconcilia deontologia e felicidade, mostrando que a “religião nos limites da simples razão” pode ser pensada como horizonte ético em que o humano e o divino se tocam sem confusão nem separação.

O tema do indizível na experiência corporal e afetiva surge no texto de Daniel De Luca-Noronha e Veronica Campos, que investigam o fenômeno da despossessão como um desafio ao imperativismo na filosofia da dor. Ao mostrar que há estados de dor que não se deixam reduzir à lógica de comandos protetivos, os autores evidenciam uma dimensão da experiência que escapa à representação e põe em crise o próprio conceito de posse do corpo. O indizível aparece, aqui, como ruptura da integração entre mente e corpo – como fenda que devolve à dor sua profundidade originária.

Em outro registro, Marco Heleno Barreto examina a imaginação simbólica na experiência do indizível, partindo de Paul Ricoeur e Carl Gustav Jung. O símbolo, entendido como mediação entre o visível e o invisível, permite pensar o indizível não como ausência, mas como excedente de sentido. Diante da lógica niilista que domina o imaginário contemporâneo, o autor reivindica o poder do símbolo como lugar de transcendência e de recomposição do sentido.

Felipe Cordeiro Alves aborda o indizível a partir da psicanálise, explorando o desenvolvimento do conceito de “impossível de dizer” nas três fases do ensino de Lacan – estruturalista, discursiva e topológica. O autor mostra como o real, enquanto impossível, não é o outro do simbólico, mas aquilo que o funda e o desestabiliza continuamente. O indizível não é, portanto, mera ausência de sentido, mas o núcleo em torno do qual o simbólico se organiza e o sujeito se constitui.

Por fim, Graziela Aparecida da Cruz transporta a reflexão para o campo estético, investigando as “atmosferas fílmicas” como expressões do indizível no cinema de Andrei Tarkovski. Inspirando-se em Hans Ulrich Gumbrecht e em seu conceito de *Stimmung*, a autora mostra como as imagens, sons e silêncios do cineasta russo instauram um espaço sensível em que o espectador é afetado por aquilo que não se diz – uma mística da percepção em que o indizível se torna experiência estética de presença.

Os oito artigos, tomados em conjunto, formam um tecido de vozes que se entrecruzam em torno de uma mesma questão: o que resta dizer quando o dizer atinge seus próprios limites? Seja na revelação teológica (López), na palavra que encarna a ausência (Reyes), na

verdade do impossível (Cardoso), na esperança moral (Sureki), na dor que escapa ao comando (De Luca e Campos), no símbolo que media o transcendente (Barreto), no real lacaniano (Alves) ou na atmosfera fílmica (Cruz), o indizível aparece não como fronteira negativa do discurso, mas como sua fonte inextinguível. Entre o silêncio e a palavra, entre o conceito e a imagem, o pensamento descobre o espaço onde o dizer e o calar se implicam mutuamente – o espaço onde o sentido se revela não apesar do indizível, mas através dele.

COMUNICAÇÕES

Além das conferências principais aqui publicadas, o *Colóquio Perspectivas sobre o Dizível e o Indizível* contou também com a apresentação de quatro comunicações, selecionadas pela comissão científica para integrar esta coletânea. Três delas foram apresentadas por doutores e uma por um mestrando em filosofia, todas unidas pela mesma preocupação com os limites e possibilidades da linguagem no pensamento filosófico, teológico e poético.

Leandro Bertoncello, em *Mestre Eckhart e a palavra interior: do silêncio da alma à manifestação na vida*, investiga os limites do dizível e do indizível no pensamento do mestre renano, destacando a distinção entre a palavra exterior, discursiva e limitada, e a palavra interior, silenciosa e espiritual, onde se dá a experiência do Verbo divino. A linguagem humana aparece, assim, como expressão imperfeita da palavra nascida na alma, cuja plenitude só se realiza na experiência interior do indizível.

No texto *O dizível e o indizível em “Claro Enigma”, de Drummond*, Edson Santos de Oliveira aproxima o conceito filosófico de enigma da noção lacaniana de letra como litoral, explorando a oscilação entre o que se diz e o que se cala. Após examinar o sentido de enigma na obra de Drummond, o autor propõe uma leitura do poema *Claro Enigma*, onde o poético se mostra como fronteira viva entre o silêncio e o dizer.

Antônio Wagner Veloso Rocha, em *A palavra como indizibilidade e recusa da linguagem instrumental na poesia de Paul Celan*, reflete sobre a indizibilidade na obra do poeta judeu-alemão sobrevivente do Holocausto. Mostra que a “dicção fechada” de Celan rompe a linearidade da leitura e instaura uma linguagem fragmentária, feita de silêncios e brancos, na qual o não-dito se torna o verdadeiro portador do sentido. A recusa da linguagem instrumental revela, nesse contexto, a dimensão ética e existencial do indizível.

Por fim, Pedro Verran dos Santos Pimentel, em *Análise hermenêutica-fenomenológica da terceira homilia sobre a incompreensibilidade de Deus de São João Crisóstomo*, realiza uma breve investigação sobre as concepções do padre da Igreja acerca dos limites da linguagem e dos modos de discurso capazes de comunicar a Deus. Sua leitura mostra como o pensamento cristão antigo já reconhecia, na tensão entre o dizer e o silêncio, o lugar próprio da teologia e da contemplação.

Essas quatro comunicações completam e ampliam o horizonte deste volume, reafirmando o propósito comum de pensar o indizível não como fronteira da razão, mas como

espaço de abertura do pensamento – onde o silêncio e a palavra se encontram, e onde o sentido se torna, ao mesmo tempo, limite e revelação.

E, assim, no cruzamento entre o silêncio e a palavra, entre o limite e a revelação, o pensamento se abre ao indizível como seu próprio horizonte. É a essa experiência de abertura e de diálogo que os textos deste volume convidam o leitor.

Luiz Carlos Sureki

Daniel De Luca

Belo Horizonte, 17 de novembro de 2025

Colóquio Perspectivas sobre o Dizível e o Indizível

JUSTIFICATIVA

Um problema que ocupou filósofos de diferentes épocas diz respeito aos limites do que se pode representar ou dizer, seja pela mente, seja pela linguagem. Uma vez que esses limites são fixados, abre-se espaço para pensarmos o que não se pode representar. Mas o que se pode afirmar sobre algo que se encontra além das nossas capacidades de representação? Diferentes respostas foram dadas a este problema, em diferentes áreas da filosofia. O colóquio reunirá pesquisadores dessas diferentes áreas, como filosofia da religião, lógica, metafísica, para que possam apresentar e discutir o problema a partir de diferentes perspectivas.

OBJETIVOS

- Promover a integração entre pesquisadores de filosofia da América-Latina;
- Atender à exigência de internacionalização do PPG em filosofia da FAJE;
- Estimular a apresentação e discussão de trabalhos relevantes à temática do dizível e do indizível;
- Permitir o acesso aos alunos da pós-graduação e da graduação ao tema em tela.

METODOLOGIA

Tendo em vista a natureza interdisciplinar do colóquio, foram organizadas mesas de discussão para que, além da exposição, houvesse um diálogo entre os palestrantes que adotam diferentes perspectivas teóricas sobre o dizível e o indizível. A distribuição das mesas de discussão seguiu, por um lado, o critério de pertencimento dos palestrantes às grandes áreas do conhecimento e, por outro lado, das diferenças entre as linhas de pesquisas específicas de cada um deles. Tal metodologia mostrou-se profícua para que os objetivos do colóquio fossem atingidos porque permitiu um diálogo muito enriquecedor entre os palestrantes e, conseqüentemente, uma excelente oportunidade de aprendizagem para os ouvintes.

PROGRAMAÇÃO

DIA 26/05/2025

13:30: Abertura

14:00: Conferência: “Presente”: La palabra que alberga lo indecible” – Prof. Dr. Pedro Reyes (ITESO – México)

15:00: Conferência: “A dor como um qualia primitivo” – Prof. Dr. Daniel De Luca-Noronha (FAJE)

16:00 – Intervalo

16:30: Conferência: “Esperança e Promessa em Immanuel Kant. Com alguns aportes das Vorlesungen über Moralphilosophie” – Prof. Dr. Luiz Carlos Sureki (FAJE)

17:30: Conferência “As atmosferas filmicas como expressões do indizível no cinema de Andrei Tarkovski” – Profa. Ma. Graziela Cruz (FAJE/UFMG)

18:30 às 19:30: [Comunicações em sessões paralelas](#)

DIA 27/05/2025

14:00: Conferência: “La manifestación de lo infeable” – Prof. Dr. Daniel Lopez (UCC – Argentina)

15:00: Conferência: “O indizível da dor” – Profa. Dra. Veronica Campos (FAJE)

16:00 – Intervalo

17:00: Conferência: “A mediação simbólica para a expressão do indizível” – Prof. Dr. Marco Heleno Barreto (FAJE)

18:00: Conferência : “Impossibilidade e Inefabilidade” – Prof. Dr. Guilherme Araújo (UFOP)

19:00 – 20:00: [Comunicações em sessões paralelas](#)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Luiz Carlos Sureki

Prof. Dr. Daniel De Luca-Noronha

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Luiz Carlos Sureki

Prof. Dr. Daniel De Luca-Noronha

Prof. Dr. Guilherme Araújo Cardoso

Profa. Dr. Marco Heleno Barreto

APOIO

FAPEMIG